

CEDI - P. I. B.
DATA 21, 05, 86
COD. AN D 02

A mão de obra indígena empregada
no setor madeireiro.

Os Karajá cortam madeira e trabalham na serra-
ria do P.I. Santa Isabel, no interior do Parque Indígena do
Araguaia.

A atividade madeireira dos Tiriyo se situa em
uma área mista, privada e pública. A missão católica insta-
lada no Paru de Oeste, no interior do Parque Nacional Indíge-
na do Tumucumaque, com o apoio logístico da FAB, leva os ín-
dios à produção madeireira, inclusive com a utilização de u-
ma tecnologia relativamente avançada, que inclui o uso de mo-
to-serras(1)

2.2 - Setor Privado

2.2.1 - Grupo Tribal Anambé (estudo de caso)

O grupo indígena Anambé ou Turiwára habita às
margens do rio Cairari, tributário do rio Moju, no Estado do
Pará. São os últimos remanescentes de uma comunidade indíge-
na de fala tupi.

Os Anambé experimentam, presentemente, um pro-
cesso de crescimento demográfico. Em 1948, os Anambé habita-
vam uma única aldeia, em um total de 32 pessoas, entre as
quais se encontrava um caboclo regional que era casado com u-
ma das índias (2). Em 1968, a população aldeada estava re-
duzida a 19 indivíduos, dos quais dois eram regionais brasi-
leiros casados com índias, e residiam fora da aldeia seis ín-
dios menores (2). Em maio de 1973, encontramos os Anambé ha-
bitando em duas pequenas aldeias, uma (a mais antiga) situa-
da à margem esquerda do rio Cairari e a outra, à margem direi-
ta do mesmo rio abaixo da primeira. Na Aldeia da margem es-
querda, moram 15 pessoas, das quais, 10 são índios, 2 são re-
gionais neo-brasileiros casados com índias e 3 são filhos mes-
tiços das uniões inter-étnicas. Na outra aldeia, residem 8
índios, 3 regionais neo-brasileiros, dos quais um é casado
com mulher índia e 3 crianças mestiças filhas do casal. Dessa

(2) Cf. Arnaud e Galvão (1969).

(1) Bous. Silva, O. S. - Os Tiriyo (1981).

maneira, encontram-se aldeados 29 pessoas, das quais 18 são índios, 5 são neo-brasileiros e 6 são crianças mestiças. Vive em uma casa isolada, mais acima das aldeias, no rio Cairari, um índio Anambé com sua melhor neo-brasileiro e um filho mestiço. Fora da aldeia, residem, também, em lugares diversos do rio Maju, na cidade de Mocajuba e em Belém, em residências de famílias brasileiras, 3 índios Anambé e 2 crianças mestiças filhas de mãe índia e pai neo-brasileiro aldeados.

2.2.1.1 - Economia Tribal - Tecnologia Indígena

Os Anambé são, basicamente, agricultores, caçadores, pescadores e coletores. Todavia, como habitam em uma área em que a extração madeireira é praticada intensamente, os Anambé também se tornaram madeireiros.

Como agricultores, plantam em seus três roçados, mandioca, batata doce, cana, arroz, milho e banana. Fazem uso de machado matálico, terçado, enxada, para plantar milho e máquina tico-tico para plantar arroz.

Dão início à derrubada de mata ou à limpeza do terreno para os roçados, no mês de maio. Enquanto as árvores secam no local do roçado, os que são madeireiros, vão à mata cortar madeira, atividade esta que se desenvolve no verão. Após a queima e a "coivara", fazem o plantio, em janeiro, para colher o arroz e o milho em junho e a mandioca em janeiro, após um ano.

Durante o inverno (a estação chuvosa), realizam, em pequena escala, alguma atividade de extração de maçaranduba, breu e cipós.

Os Anambé mudam seus roçados para outros lugares da mata a cada ano, "porque a terra fica fraca". Retornam aos lugares anteriores, já recobertos por capoeiras, cerca de dez anos mais tarde. Os critérios adotados para a escolha do terreno para o roçado exigem que a área seja de mata e que não tenha formiga. Cada roçado tem de 50 a 100 braças, em quadrado.

Não produtores de farinha de mandioca, havendo em cada aldeia uma casa de farinha.

Caçam cotia, anta, paca, veado, tatu, porcos do mato, preguiça, guariba, macaco, mucura, onça, gato maracajá, tamanduá, cobra, jacaré, Jabuti, mutum, inambu, jacamin, Jacú, cujubim, pato do mato, coruja, tucano, papagaio, arara, pombas.

Pescam traíra, pacú, piranha, carataí, jandiá, queco, araquí, surubim, pirabanha, tucunaré, canela, jutuarã, acará preto, jacundá, jejú, cará rôxo, piaba, peixe-boi, pirarara, sarpó, ituí traçado, cabeçuda, tracajá, perema, mussuan, matá-matá. São hábeis navegadores.

Coletam na floresta: piquiá, bacurí, uxi, caramuxi, mari, cupú-açu, bacaba, açai, caranã, pataua (1).

A pesca e a coleta vegetal se destinam apenas à alimentação tribal. A caça e a produção agrícola, identicamente; porém, o excedente da produção de milho, arroz e de farinha, bem como da caça se destina ao escambo, em transações que realizam com "regatões". A caça destinada ao escambo é salgada. O extrativismo vegetal também se destina ao escambo.

2.2.1.2- A Produção Madeireira dos Anambés

A participação dos índios Anambé na produção madeireira se faz através de duas formas, que se diferenciam entre si pelos tipos de vínculos com a sociedade regional, que estão contidos nas mesmas. Há índios Anambés que participam das

(1) Os produtos da caça, da pesca e da coleta indígenas estão aqui registrados com as denominações que lhes são dadas pelos produtores, conforme os informantes índio e neo-brasileiro entrevistados na aldeia Anambé.

turmas de madeireiros , que são formadas na área, constituídas de 5 a 10 homens. Neste caso eles atuam lado a lado com os madeireiros néo-brasileiros, sob a chefia do organizador da equipe. Estes madeireiros são assalariados, diaristas. No outro caso, o madeireiro Anambé produz isolado, não integrando, assim, grupos mistos inter-étnicos. Destina sua produção ao escambo com o "regatão".

Os Anambé, em um e no outro caso, cortam frejó, cedro, sucupira e louro, com o uso de machados metálicos. Com serra roladeira (possuem uma) preparam as toras, que, reunidas em "jangadas", são transportadas pelo rio até a serraria mais próxima.

Os Anambé também praticam uma incipiente forma de beneficiamento da madeira. Preparam "quadrados" de sucupira, ou seja, lavram as toras de sucupira com machado, fazendo longas faces planas, que se tocam em ângulo reto.

2.2.1.3 Nível de Contato com a Sociedade Nacional

Estando pacificados há longo período de tempo, os Anambé se encontram em uma situação de transição de contato permanente para integrados à sociedade nacional. Talvez seja correto dizer-se que esse grupo indígena, hoje contendo em seu meio elementos caboclos e cuja descendência se vai constituindo cada vez mais de mestiços, esteja a caminho de sua extinção enquanto sociedade indígena, por sua aglutinação à sociedade regional.

A FUNAI não atua, diretamente, na área.

No grupo, todos falam o português, todas as mulheres e alguns homens também falam ~~uma língua~~ tupi ~~ou tupi-guarani~~. Apesar do avançado grau de aculturação em que vivem, os Anambés (como os regionais aldeados) se encontram fora da economia monetária, sendo inteiramente participantes de um sistema econômico dominado pelo escambo (V. o item referente à utilização da mão-de-obra indígena).

2.2.1.4 - Participação dos Anambé na Economia Regional.

Utilização da Mão-de-obra Indígena

O agrupamento indígena Anambé encontra-se envolvido pela frente econômica madeireira, nos moldes em que ela se estrutura no vale do rio Mojú. Presentemente, o corte da madeira, que se processa predominantemente nas várzeas, ao longo do Mojú e de seus tributários, é realizado por turmas de braçais, que atuam sob a liderança de um regional que é financiado diretamente pelo proprietário de serraria ou, por um intermediário.

A produção da área em que os Anambés atuam como madeireiros é negociada diretamente pelos chefes das turmas com o proprietário da única serraria instalada no rio Cairari. A produção particular dos índios, quando se efetiva, é negociada com o "regatão" que, no caso, atua como intermediário entre os produtos e a serraria.

Nesse último caso, a madeira cortada em toras é ^{presentemente,} ~~pu~~xada até o igarapé por um boi alugado de um regional, ~~ya~~ ^{presentemente,} a €\$ 20,00 o dia. ⁽¹⁾ A madeira produzida, bem como as bolas de maçaranduba, o cipó, o breu, a farinha, o milho, o arroz e jabutis são trocados nos "regatões" por açúcar, café, sabão, sal, pilhas de lanterna, munição para espingarda, querozene, tabaco, abade, tecidos para roupas, rede de dormir, sapatos, calção, cinturão, pente, espelho, grampos para cabelo, brinco, pomada para cabelo, chapéu, tipiti, (os Anambés não fabricam o tipiti), anzol, linha de nylon e de fibra para pesca, machado, faca, panela e, às vezes, remédios ("pílulas para febre"). Os gêneros solicitados pelos índios na operação de escambo dão bem a medida de suas atuais necessidades decorrentes do prolongado convívio com "civilizados".

(1)

A diária que atualmente o chefe de turma de corte de madeira paga a seus homens se constitui de €\$ 5,00 convertidos em mercadorias, mais café, ^{remuneração} almoço e jantar. A remuneração é igual para os trabalhadores índios e regionais. Os índios não cortam madeira todos os anos. A falta de "padrão" (chefe de turma, contratado) ou a simples ausência de "vontade de ir para a mata cortar madeira" são as razões que levam os Anambés a se dedicarem mais à caça, não participando da safra de madeira.

(1) Em maio de 1973.

Nos anos em que são contratados, ficam na mata durante quatro meses consecutivos, morando em barraca de palha construída à margem de um igarapé ou de um lago.

2.2.1.5 - Território Indígena

Inexiste um território Anambé legalmente constituído. A ausência da institucionalização do território Anambé decorre de dois fatores. O órgão protecionista nunca atuou diretamente nessa área, ao mesmo tempo em que essa ausência implicou também na inexistência de medias oficiais objetivando a identificação e delimitação do território indígena. O segundo fator se relaciona com o nível de aglutinação dos indígenas na população dispersa que habita o alto Cairari. Caboclos e índios convivem pacificamente,

S. Paulo, 1973/4

[Handwritten signature]
S. ERETE (S. PAM)